

Texto apresentado no IV Congresso da Abekh, realizado de 9 a 12 setembro de 2008, na Universidade de São Paulo, em São Paulo.

A representação da homossexualidade na telenovela *Duas Caras*

LEANDRO COLLING E CAIO BARBOSA

RESUMO

O texto apresenta a primeira versão da análise sobre a representação da homossexualidade na telenovela *Duas Caras*. O trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, que pretende analisar todas as telenovelas da Rede Globo que continham personagens homossexuais em suas tramas. Os autores defendem que, apesar da telenovela ter apresentado personagens que experimentaram de formas diversas as suas sexualidades, a obra, no final das contas, acabou por inscrever os dois principais personagens homossexuais dentro de um modelo considerado heteronormativo.

Palavras-chave: Telenovela, Teoria queer, Homossexualidade

ABSTRACT

This text examines the representation of homosexuality in *Two Faces*, a Brazilian soap opera. (This text is the first version of my analysis and it is part of an ampler research, oriented to analyze the Globo Network's soap operas that develop homosexual characters on their storylines.) *Two Faces'* writers state that, although the characters experiment with diverse forms of sexuality, the work, ultimately, subscribed the two main characters to an established heteronormativity.

Keywords: Soap opera, Queer theory, Homosexuality

Este texto apresenta a primeira versão da análise da telenovela *Duas Caras*. O trabalho faz parte de uma pesquisa¹ que objetiva identificar e analisar a representação dos personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo. Com o diagnóstico, a proposta é discutir a elaboração de políticas culturais voltadas para o respeito à diversidade sexual.

Em um primeiro texto (ver Colling, 2007), fizemos um levantamento geral sobre a presença de personagens homossexuais nas telenovelas exibidas pela Rede Globo de 1974 (ano da primeira aparição de um personagem homossexual na

¹ A pesquisa está sendo realizada pelos integrantes do grupo Cultura e Sexualidade (CUS), do CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, em 2008, também contou com o apoio de estudantes do Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder e Cultura (Nespoc), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A pesquisa é financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

telenovela, em *Rebu*²) a meados de 2007. O estudo identificou pelo menos três tipos de representação. Em um primeiro momento, as telenovelas associaram os homossexuais com a criminalidade. Logo depois, os personagens foram construídos com base nos estereótipos da “bicha louca” e/ou afetados e afeminados. Nos últimos anos, as tramas passaram a também representar os personagens homossexuais dentro de um modelo que consideramos heteronormativo. Naquele texto, não realizamos uma análise detalhada de cada telenovela. Para isso, era necessário criar uma metodologia. Foi o que fizemos a partir da análise da peça teatral *Avental todo sujo de ovo*, de Marcos Barbosa. Nesse texto (ver Colling, 2008), explicamos como a metodologia foi criada e analisamos a referida peça teatral.

De um modo geral, vale destacar que a metodologia também foi criada a partir dos estudos de Moreno (2001) e Peret (2005). No entanto, ao contrário desses dois pesquisadores, nossas análises sofrem influências da *Teoria queer*. Por questões de espaço, não iremos explicar os pressupostos básicos da teoria nesse texto³. Uma das grandes diferenças de nossas análises, em comparação as dos outros dois pesquisadores, reside na crítica que realizamos para as representações dos homossexuais dentro de um modelo heteronormativo. Por muitas vezes, os dois pesquisadores elogiam essas representações e criticam todas as obras que apresentam personagens afeminados e/ou tidos como estereotipados. Moreno considera que essas representações reduplicam a homofobia. Conforme tentamos demonstrar a partir da análise da peça *Avental todo sujo de ovo*, nossa hipótese é de que, uma vez humanizado, o personagem afeminado e/ou estereotipado não reduplica a homofobia.

Uma revisão bibliográfica sobre o conceito de representação também não será realizada neste texto. No entanto, trabalhamos com um conceito pós-estruturalista de representação, muito importante para qualquer discussão sobre identidade. “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos

² Segundo Peret (2005), a primeira telenovela da emissora a conter um personagem homossexual foi *Rebu*, de Bráulio Pedrosa, exibida de 4 de novembro de 1974 a 11 de maio de 1975. Conrad Mahler (Ziembonski) tinha uma relação com o michê Cauê (Buza Ferraz) e assassina a mulher por quem o namorado se apaixona

³ Já fizemos isso, de modo rápido, em Colling (2007). Sugerimos a leitura de um texto muito mais completo, de David Córdoba Garcia, que o leitor encontra no livro *Teoria queer. Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas* (Madrid, Editora Egales, 2007). Gostaria apenas de destacar que, ao dizer que nossas análises são influenciadas pelas *Teoria queer*, não estamos nos filiando incondicionalmente a estes estudos. Também não pretendemos dizer que o grupo de teóricos forma uma massa homogênea. Pelo contrário, no interior da *Teoria queer*, há várias tensões entre os estudiosos, como em qualquer perspectiva teórica.

quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito”, explica Woodward (2007, p. 17). Tadeu da Silva amplia as explicações e diz que o conceito de representação, dentro dessa perspectiva, pode ser expressa por pinturas, fotografias, filmes, ou seja, nunca é uma representação mental ou interior, mas sempre uma marca visível e exterior. Ele continua: “(...) é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema lingüístico e cultural. Arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (Tadeu da Silva, 2007: 91). Essa perspectiva também compactua com a tese de que o discurso não apenas constata e descreve algo, mas também faz com que alguma coisa aconteça. Ou seja, a representação produzida por uma telenovela não é simplesmente uma reprodução da realidade, mas também uma ação que deseja e provoca reações pelo fato de ter sido realizada de determinada maneira.

A metodologia desenvolvida pelo grupo CUS deverá ser aplicada, nos próximos meses, para analisar todas as telenovelas, exibidas pela Rede Globo, que continham personagens homossexuais. Como o leitor poderá observar até o final deste texto, acreditamos que a qualidade do trabalho estará justamente na comparação histórica entre as telenovelas. A análise individual, ainda que interessante, parece pouco profunda e reveladora da representação. No entanto, quando tivermos todas as análises prontas, acreditamos que o quadro geral irá revelar e gerar análises muito significativas. A seguir, apresentamos a análise da novela *Duas Caras*.

ANÁLISE

Dados gerais do produto

Título: *Duas Caras*

Diretor: Wolf Maia

Autor: Aguinaldo Silva

Elenco principal: Dalton Vigh (Marconi Ferração), Maria Paula (Marjorie Estiano) e Antonio Fagundes (Juvenal Antena).

Elenco mais diretamente ligado com a temática homossexual: Thiago Mendonça (Bernardinho), Leona Cavalli (Dália), Alexandre Slaviero (Heraldo), Luguí

Palhares (Carlão).

Tempo de exibição: 1º de outubro de 2007 a 31 de maio de 2008. Ao total, foram 210 capítulos, exibidos sempre às 21h. Cada capítulo tinha duração de 60 minutos, exceto às quartas-feiras.

Resumo do enredo:

A história central da novela foi a dos personagens Marconi Ferraço e Maria Paula. Na primeira fase, ele se declarou apaixonado por ela, mas tramou um plano para roubar toda a fortuna da garota, que era milionária. Concretizando seu plano, ele mudou de identidade e passou a ser um empresário da construção civil extremamente respeitado. A segunda fase foi marcada pela luta de Maria Paula para tentar desmascarar Ferraço e reconquistar o que lhe foi roubado.

Outro núcleo importante em *Duas Caras* era o da favela Portelinha, que surgiu de um sonho de Juvenal Antena. Na favela, as coisas só aconteciam com o aval dele. Todos tinham seus problemas solucionados pelo poderoso chefe.

O cozinheiro Bernardinho da Conceição passou a fazer parte do enredo de *Duas Caras* na segunda fase da novela, quando a favela Portelinha cresceu e apareceu para os telespectadores. O gay assumido tinha atração física por homens, mas também se apaixonou por uma pessoa do sexo oposto, a sua amiga Dália.

Bernardinho conheceu Dália numa situação não muito boa. Esposa do traficante Ronildo (Rodrigo Hilbert), ela era usuária de drogas e apanhava do marido. Preocupado com a situação da garota, Bernardinho passou a ajudá-la, contando com o apoio de Juvenal Antena. O chefe da favela resolveu o problema ao internar a garota drogada.

Na casa de Bernardinho, o clima ficou ruim quando o pai, Bernardo (Nuno Leal Maia), a madrasta, Amara (Mara Mazan), e os irmãos, Beloniel (Armando Babaioff) e João Batista (Júlio Rocha) notaram que o rapaz estava deixando de dormir em casa e de cuidar dos afazeres domésticos para acompanhar Dália. Bernardinho era explorado pelos familiares. Em casa, ninguém cozinhava. Se ele não aparecia, todos ficavam com fome.

Revoltada, Amara, que não tinha dúvidas quanto à homossexualidade de Bernardinho, resolveu desmascará-lo. Durante um jantar, em casa, ela apresentou à família um suposto irmão, Carlão. Na ocasião, ele deveria se insinuar para Bernardinho.

Os dois acabaram dormindo juntos e, na manhã seguinte, foram pegos na cama. Nessa cena todos os familiares confirmam a orientação sexual de Bernardinho e o pai ficou chocado e preocupado porque o garoto decidiu sair de casa. Amara fez chacota da situação, dizendo ao marido que ele deveria usar óculos para enxergar que o Bernardinho era “*bambi*”. Envergonhados, os irmãos não sabiam como iam encarar as outras pessoas na rua. Bernardinho temia a reação dos familiares. Mas ele acreditava que contaria com a ajuda de Carlão. No entanto, Carlão disse que não era gay e que só transou com Bernardinho porque estava bêbado. O cozinheiro entendeu depois que tinha sido trapaceado por Amara e o suposto irmão.

Quando saiu de casa, Bernardinho encontrou o apoio de Juvenal Antena e passou a morar na quadra da escola de samba da favela, a Unidos da Portelinha. Nessa época, Dália voltou da clínica de reabilitação e foi morar com o amigo, que já era, na verdade, um amor na sua vida. A partir daí, Bernardinho começou a tocar o seu restaurante e precisava dos serviços de um garçom. Heraldo foi parar na Portelinha. A mãe do rapaz, Bárbara (Betty Faria), o tinha expulsado de casa porque ele não trabalhava e não ajudava nas despesas. Heraldo foi procurar emprego na favela e foi acolhido por Bernardinho e Dália.

Juntos, Bernardinho, Dália e Heraldo passaram a comandar o Castelo de São Jorge. Além disso, eles dividiam a mesma cama em casa. Não chegou a se concretizar uma relação sexual entre Bernardinho e Heraldo, que dizia ser heterossexual. Logo que viu Heraldo, o cozinheiro gay se sentiu atraído pelo rapaz. Depois de um tempo, a atração de Bernardinho passou a ser um sentimento amoroso sem prática sexual. Mesmo não gostando de transar com homens, Heraldo dizia amar Bernardinho. Com Dália, a história era diferente. Eles viviam uma relação amorosa mais intensa e transavam.

A comunidade da favela Portelinha ficou intrigada, tentando compreender o que se passava entre Bernardinho, Dália e Heraldo. A situação piorou quando descobriram que a moça estava esperando uma criança. Quem seria o pai?

Nasceu Ana Rosa Maria e Bernardinho, Dália e Heraldo passaram a enfrentar um grande problema com a paternidade da menina. Eles foram a diversas varas e fóruns para tentar registrar a criança com o nome de dois pais e uma mãe, mas o pedido era sempre negado.

O povo da Portelinha julgava o comportamento de Bernardinho, Dália e

Heraldo um desrespeito moral e até uma loucura. Além da idéia de uma criança com dois pais, o que incomodava as pessoas também era o fato de Bernardinho ser gay e querer assumir uma paternidade. Ao fim da novela, Ana Rosa Maria foi registrada com os nomes de Bernardinho, Dália e Heraldo.

Mesmo convivendo com Dália e Heraldo, Bernardinho não deixava de ter uma queda por Carlão. Musculoso, de aparência sisuda e com modos grosseiros, Carlão fazia o tipo gay enrustido e machista. Em vários diálogos, Carlão gritou que gostava de mulher. Em uma das cenas, disse que foi o ativo da relação quando transou com Bernardinho. Ele gostava de transar com o cozinheiro e se aproveitava da ingenuidade do garoto, que acreditava que eles vivam um amor. Na verdade, Carlão se aproximou de Bernardinho com o objetivo de ter sexo e dinheiro.

Dália e Heraldo se chateavam com Bernardinho quando percebiam que ele era “passado para trás”, mas, ainda assim, o cozinheiro continuava se encontrando com Carlão. Dália e Heraldo pediam para Bernardinho deixar de encontrar o “machão”, mas ele não ouvia os conselhos.

Na última semana de *Duas Caras*, Carlão fez mais uma vítima. Ele revelou que se relacionava com o deputado Marcos Lomba, de quem conseguia dinheiro. O deputado não tinha a orientação sexual revelada publicamente, mas transava com garotões. Na cena em que Carlão vai ao encontro do político, o então michê aplica um golpe no cliente. Eles estavam no quarto de um motel e Carlão ofereceu ao político um copo de bebida com droga, ou seja, aplicou o golpe popularmente conhecido como *Boa noite cinderela*. Carlão roubou dólares do político. O dinheiro foi usado para se redimir com Bernardinho, através do pagamento de algumas dívidas do restaurante Castelo de São Jorge.

No último capítulo, Bernardinho e Carlão se casaram num fórum. O ambiente estava coberto de flores. Eles vestiam batas brancas de tecido brilhoso e calças também na cor branca. Estavam presentes Dália, Heraldo e Ana Rosa Maria, já crescida, Juvenal Antena, Bernardo e Bárbara. Voltados para o casal e o juiz, todos estavam com sorrisos largos e olhos brilhantes, orgulhosos com o casamento.

Carlão estava com um bigode bastante cheio e Bernardinho tinha uma barba que começava a crescer. Bernardinho desmunhecava sempre que possível, já Carlão permaneceu duro em toda a cena. Quando o juiz os declarou unidos perante a lei, o

cozinheiro saltitou de alegria. Carlão apenas lhe lançou um sorriso e um olhar de felicidade. Os dois deram as mãos e se entreolharam, viveriam “felizes para sempre”.

Aspectos fixos dos personagens homossexuais:

“Posição do personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida.” (Moreno, 2001: p.167).

Bernardinho não chegou a compor o conjunto de personagens principais da obra, mas foi recorrente durante os capítulos. Sua visibilidade esteve atrelada ao fato de ser gay. Carlão teve uma visibilidade menor que a de Bernardinho, mas não deixou de ser importante na trama, já que se relaciona com o cozinheiro. O mesmo pode ser dito de Dália e Heraldo.

“Contexto social do personagem: a que classe ele pertence” (Moreno, 2001: 167):

Por ser morador de uma favela, Bernardinho parecia pertencer à classe baixa. No entanto, não possuía todas as características comuns a esse nível social. Suas vestes, por exemplo, lembram mais um indivíduo da classe média-baixa. Vale comentar que a Portelinha apareceu na novela como uma tentativa de representar o cotidiano das favelas brasileiras. Contudo, quase todos os moradores pareciam ser de classes sociais mais altas. Carlão oscilava entre o ambiente da Portelinha e a cidade grande, pertencendo à mesma classe de Bernardinho.

Cor: Bernardinho e Carlão eram morenos, sendo o cozinheiro um pouco mais claro.

Profissão: Bernardinho era apaixonado por culinária. Durante a trama de *Duas Caras*, ele adquiriu um restaurante, o Castelo de São Jorge, que ficou famoso pelo tempero e foi freqüentado até mesmo por atores globais, entre eles Juliana Paes, Tony Ramos e Francisco Cuoco.

Carlão não tinha uma profissão definida. Ele fazia o tipo malandro que topava qualquer coisa para ganhar dinheiro fácil. Uma das faces dele era a de michê.

Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem:

Tipos de gestualidade:

- 1) estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa à personagem homossexual;
- 2) gestualidade típica de alguns sujeitos *queer*, especialmente os adeptos de um comportamento/estética *camp*;
- 3) não estereotipada (gestual considerado “normal” e “natural”, sem indicação de homossexualidade, inscrito dentro de um comportamento heterossexual);

A gestualidade do cozinheiro se mostrou estereotipada desde o início. Contudo, não chegou a ser extremamente desrespeitosa. Bernardinho andava saltitante, tinha a voz fina e cantada e os gestos faciais exagerados, por exemplo, suspendia e abaixava as sobrancelhas bruscamente. Até a forma como ele segurava embrulhos ou pacotes de compras era diferenciada. Ele não chegava a ser uma “bicha louca”, mas era bem afeminado.

Quando se aproximou o término da trama, o cozinheiro parecia ainda mais afetado. Falava mais manso ainda, desmunhecava com mais frequência. Uma bolsa grande, nas cores branca e rosa, passou a fazer parte de seus acessórios. Parecia que o personagem tinha de ser engraçado. De um modo geral, Bernardinho pode ser enquadrado no item 2.

O musculoso Carlão tinha aparência sisuda e modos grosseiros, indicando masculinidade e o caráter machista da personagem. Sabe-se que ele era, na verdade, um gay enrustido. No fim da trama, ele continua com o perfil másculo, mas já assumia a homossexualidade. Carlão pode ser enquadrado no item 3.

“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001: 167):

Como publicou o jornal *O Globo* (Leitão, 2008), o figurino de Bernardinho, idealizado por Emília Duncan e Labibe Simão, seria sempre composto por camisetas bem coloridas, com vidrilhos, canutilhos e bordados. Labide explicou que, sob as camisetas extravagantes, Bernardinho vestia uma camisa masculina – estratégia usada para refletir a ambigüidade sexual do personagem.

“No começo da novela, tivemos essa discussão sobre as roupas do personagem darem ou não bandeira. Optamos por não fazer nada muito caricato”, comentou Labide. A figurinista disse também que os acessórios de Bernardinho seriam brincos discretos, pulseiras e patuás, alguns deles sugeridos pelo próprio Thiago Mendonça.

Carlão apareceu quase sempre usando jeans e camisetas apertadas que valorizavam os seus músculos definidos. Em nenhum momento ele usou adereços que denunciassem alguma postura gay. Uma marca da personagem era ter a parte das axilas das camisas molhadas de suor. Esse aspecto pode ser pensado como mais uma estratégia utilizada para relacionar o personagem com o tipo “machão”.

Análise de seqüências: “É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (*em nosso caso a telenovela*) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento.” (Moreno, 2001: 168) (grifos nossos):

Em um dos capítulos, Bernardinho emprestou cheques para Carlão comprar uma van para fazer entregas de encomendas. No entanto, com o dinheiro, ele comprou uma moto. O diálogo foi exatamente esse:

Bernardinho: Carlão, eu não acredito que você usou os meus cheques para comprar uma coisa inútil dessas. (*Bernardinho resmungou no quarto de casa.*)

Carlão: Inútil? Só se for pra você que é mané. Pra mim, vai servir pra pegar um monte de gatinha. Tu tá careca de saber que eu gosto mesmo é de mulher. Otário! (*Gritando essas palavras, Carlão foi em direção a porta do quarto.*)

B: Cafajeste! Eu quero ver como você vai fazer pra pagar os meus cheques. (*Bernardinho gritou e agarrou Carlão por trás.*)

C: E quem disse que eu vou pagar? (*Aos gritos, Carlão empurrou Bernardinho, que caiu na cama.*)

B: Carlão, eu não acredito que você fez uma “crocodilagem” dessas comigo. (*Bernardinho estava com a voz fina e chorosa.*)

C: Quê? Mas eu não fiz nada contigo. Vem cá, eu te obriguei a me emprestar aqueles cheques? Você emprestou porque tu quis. Você sabia muito bem que eu não tinha grana pra pagar. Agora, se vira! (*Carlão deixou o quarto.*)

B: Carlão, você vai devolver essa moto imediatamente! (*Bernardinho vai atrás de Carlão e bate os pés.*)

C: É ruim, hein? E as minhas gatas, vão andar como? Eu já te falei mais de mil vezes, tu é que não quer acreditar: eu gosto é de mulher, tá legal? *(Carlão gritou essas palavras na rua, na frente da casa.)*

B: Ah, é? Mas adora dormir de bruços. *(Bernardinho tentou pirraçar o machão.)*

Carlão jogou Bernardinho no chão e disse:

- Mané! Isso é pra tu aprender a me respeitar, ô babaca.

B: Estúpido! *(Bernardinho grita, enquanto Carlão sai em arrancada com a moto.)*

Se estapeando, Bernardinho falou para si:

- Bem feito, bem feito, sua bicha burra! Quem mandou cair no golpe de novo? Quem mandou cair no golpe de novo?

Certos homossexuais, por serem discriminados em casa ou na sociedade, acabam se tornando ingênuos e frágeis ao ponto de se apegarem fervorosamente ao primeiro homem com quem transam. Não são poucos também os gays que são trapaceados por machões que não se assumem, mas que curtem transar com outros homens. Aguinaldo Silva não hesitou em relatar esses perfis em sua novela. No entanto, essa cena reafirma uma imagem preocupante para os homossexuais, pois reforça a idéia de que eles são presas fáceis e frágeis nas mãos de machos fortes. Além disso, a culpa do problema é atribuída ao personagem que claramente se identifica como “bicha”. Ou seja, a própria vítima é quem se responsabiliza pelo crime cometido pelo outro.

Outra seqüência de forte impacto foi a que narrou a turbulenta vivência de Bernardinho, Dália e Heraldo com a comunidade da Portelinha. Um grupo de moradores, liderado por uma religiosa fanática, Edivânia (Susana Ribeiro), tentou linchar os três, julgando que o relacionamento que eles mantinham era um desrespeito religioso.

Vejam alguns trechos da seqüência:

- Ao santo combate, irmãos! Vamos combater os ímpios e os pecadores! Quem for por Deus que me acompanhe, pois eu sou o instrumento da sua implacável justiça! *(Edivânia gritou essas palavras para um grupo de pessoas que começavam a se aglomerar nas ruas da Portelinha. Juntos, ele seguiram até a casa de Bernardinho, Dália e Heraldo. Ao chegar ao local, uma das pessoas do grupo atirou uma pedra na*

janela da casa. Heraldo e Dália, que estavam lá dentro, saíram para entender o que estava acontecendo e deram de cara com os revoltosos. Os dois foram acusados de “filhos do demônio”. Edivânia, que tinha sempre a voz mais alta, proferiu):

- Nós vamos tirar o demônio deste teu corpo sujo pelo pecado e vai ser debaixo de pau e pedra!

(Outra fanática gritou):

- Louvado seja Deus! Aleluia! *(Os outros do grupo repetiram em voz alta).*

(Nervosa, Dália perguntou o que estava acontecendo e Lucimar (Cristina Galvão), vendedora ambulante que perambulava pela favela, respondeu):

- Dália, o que tá acontecendo é que dessa vez vocês passaram do limite! A gente tem crianças e elas ficam perguntando, Dália!

(Do povo, cada vez mais bravo, saíram os seguintes insultos):

- Onde é que já se viu casamento a três, hein?

- É... Um filho com dois pais?

- Isso é uma pouca vergonha, meu irmão!

- Aqui não é lugar de baitola não, rapaz!

- É... E nem de mulher da vida!!!

(Edivânia retomou a voz, dizendo):

- Eu sou a mão da justiça divina.

(Bernardinho, que não estava no local até então, chegou afobado e gritou):

- Vamo parar com isso? Cês estão malucos? Quê que tá acontecendo? Perderam a noção?

- Ô, Lucimar! *(Rapidamente, Bernardinho notou que a vendedora também fazia parte do grupo).*

- Bernardinho, dessa vez, você exagerou! Que você faça sua safadeza dentro da sua casa. Ninguém tem nada a ver com isso. Agora, ficar nos becos se beijando? Isso não dá! *(Lucimar se referia a um beijo de Bernardinho e Carlão, que Edivânia flagrou).*

- Mas quem é que pode julgar a vida dos outros? *(Indagou Ezequiel (Flávio Bauraqui), praticante da mesma religião que Edivânia, mas que não concordava com o que o grupo estava fazendo).*

(Nesse instante, Carlão apareceu no tumulto. Edivânia se voltou para ele e

disse):

- É ele!!! É ele que eu vi aos beijos com aquele degenerado! *(Ela apontou para Bernardinho)*. Homem com homem, beijo gay!!!

(Carlão, sempre negando a homossexualidade, reclamou):

- Sua maluca, eu não tenho nada a ver com isso não.

(Se voltando para o resto do povo, Carlão continuou):

- Olha, eu sou espada, hein? Sou espada, hein?

(A partir desse momento, iniciou uma grande pancadaria. Alguns dos homens que estavam no grupo de revoltosos partiram para cima de Carlão munidos com paus. Edivânia, cada vez mais exaltada, conclamava o resto do pessoal para entrar na casa e destruir o que encontrassem pela frente. Ezequiel ameaçou):

- Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra!

(Edivânia atirou uma pedra contra Dália. A moça foi atingida na testa, que começou a sangrar. Dália retornou para dentro de casa e, muito assustada, fugiu pelos fundos. Na agonia, ela acabou dando a luz à Ana Rosa Maria).

(Bernardinho ficou extremamente descontrolado. Foi preciso que o segurassem para ele não bater em Edivânia. A confusão continuou e o cozinheiro tentava impedir que o grupo entrasse na casa. As palavras dele foram):

- Edivânia, não tem mal nenhum lá dentro! Quem tá lá é uma mulher grávida e indefesa! O mal? O mal tá no preconceito, na intolerância, na violência! Com o preconceito, eu já tou acostumado! Com a intolerância? Também! E violência eu não vou admitir! Ela tá grávida e indefesa, gente! Isso é covardia!

(Mas Bernardinho não conteve os ânimos do povo, que conseguiu invadir a casa e destruiu os objetos. A confusão só teve fim quando o chefe da favela chegou no local e disparou tiros para o ar).

A cena representou a intolerância religiosa e social com questões referentes à sexualidade e também à constituição de famílias que fogem da heteronormatividade. No entanto, Aguinaldo Silva (ver Estado, 2008) acabou comprando uma briga com religiosos e com a *Rede Record de Televisão*, que o acusaram de discriminação. Segundo eles, a imagem dos evangélicos foi prejudicada, uma vez que a novela os apresentou como seres extremamente intolerantes e violentos.

Em resposta, o autor disse que Edivânia, personagem pivô do problema, era

uma desequilibrada e que a novela não chegou a rotulá-la como evangélica e sim como uma religiosa fanática. Contudo, a música *Recomeçar*, interpretada por Aline Barros e tema da personagem Edivânia, é oriunda da religião evangélica.

Características gerais da personalidade do personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo etc.:

Bernardinho aparece na novela com um espírito pacifista e impulsionador da regeneração de outros personagens. No início, Carlão era um trapaceiro que se aproveitava da ingenuidade do cozinheiro para conseguir dinheiro fácil. À proporção em que foi se relacionando com o garoto, Carlão se redimiou, deixou de ser bandido, declarou amor a Bernardinho e até resolveu se casar com ele.

Dália e Heraldo também levavam uma vida desordeira e mudaram ao cruzar seus caminhos com o do cozinheiro. Dália era do mundo das drogas e Heraldo era o típico filhinho de classe média vagabundo, que não ajuda em casa. Bernardinho, com seu carisma e preocupação, empregou os dois em seu restaurante e conseguiu reverter o quadro das personagens.

Ao caracterizar o gay Bernardinho como o solucionador dos problemas de pessoas que andavam no mau caminho, parece que Aguinaldo Silva quis positivar a imagem do homossexual que, na sociedade, é muitas vezes visto como marginal, promíscuo e disseminador de desordem.

Aspectos sobre a sexualidade do personagem

Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:

Bernardinho se assume verbalmente como gay. Ele procura não esconder de ninguém sua paixão por Carlão, que mantinha relações sexuais com outros homens mas, diante a sociedade, dizia “ser espada”. Por isso, Carlão, em boa parte da trama, assume uma identidade heterossexual.

Em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é homossexual?

Logo nas primeiras cenas da novela, nota-se que Bernardinho é gay. A

homossexualidade de Carlão só fica clara exatamente do meio para o fim da trama, quando se concretiza o amor dele por Bernardinho. Na primeira metade, a posição de Carlão fica duvidosa para o telespectador. Parecia que ele não gostava de homens em si, mas se aproveitava financeiramente ao manter relações homossexuais.

Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?

Segundo site *G Online* (2007), sobre a representação dos homossexuais nas telenovelas da *Globo*, Aguinaldo Silva comentou: “(...) eu não gosto desse tipo de abordagem, essa coisa que os gays da novela reproduzem o que seria um casal hétero. Acho que tira um pouco o brilho das coisas. Aquilo ali não me dá a impressão de ser realmente gay. Na verdade é um casal hétero vivido por dois homens”. Aguinaldo se referia ao casal de homossexuais da telenovela *Paraíso tropical*, de Gilberto Braga e Ricardo Linhares, exibida entre 5 de março a 28 de setembro de 2007, na qual Rodrigo (Carlos Casagrande) e Tiago (Sergio Abreu) formavam o casal gay da telenovela. Os dois estiveram juntos durante toda a novela e sequer se tocavam, mesmo nos momentos de maior intimidade

Contudo, alguns aspectos da narrativa de *Duas Caras* fazem pensar que o relacionamento de Carlão e Bernardinho também estaria preso a um sistema heteronormativo de representação. Há explicitamente a distinção entre os papéis desempenhados por Bernardinho e Carlão. O primeiro é a mulher da relação, passiva, cozinheira, provedora da casa, delicada. O segundo é o macho, violento, segurança, incapaz de fazer trabalhos historicamente atribuídos às mulheres, como o de lavar pratos, por exemplo.

Bernardinho foi apresentado durante o enredo como muito prendado nos afazeres domésticos. Já Carlão apareceu sempre como o macho que não realiza as tarefas do lar. Em uma das passagens, por exemplo, Bernardinho abrigou Carlão em casa depois que ele sofreu um acidente de moto. Em troca, Carlão deveria ajudar, lavando os pratos no restaurante. Mas o machão não concordou, dizendo ser desastrado para aquele tipo de trabalho. Bernardinho se irritou de início e ameaçou expulsar o hóspede, mas acabou cedendo e o mandou ficar de plantão na porta como segurança do estabelecimento, o que seria uma tarefa de homem.

O casamento de Carlão e Bernardinho e a postura das duas personagens durante essa cena também evidenciam o modelo heteronormativo na representação da homossexualidade. Ou seja, ainda que o autor tenha manifestado a intenção de produzir uma representação diferente da do seu antecessor, no fundo, repetiu a mesma fórmula, através de outras maneiras. Assim, o autor busca uma emancipação da representação dos gays através das mesmas estruturas de poder que oprimem os próprios gays. Butler (2003, p. 19) percebeu o mesmo no movimento feminista. Assim, *Dois Caras* reforça, no final das contas, a heterossexualidade compulsória, que sustenta, segundo Butler (2003), a relação binária para o sexo e exige uma linha coerente e linear entre sexo, gênero, desejo e prática sexual.

No entanto, Butler diz que o fato de gays e lésbicas assumirem convenções dos heterossexuais (delimitando, por exemplo, quem desempenha o papel masculino e feminino na relação) não pode ser compreendido como a insistência perniciosa de construtos heterossexistas na sexualidade e na identidade gays. A repetição de construtos heterossexuais nas culturas sexuais gay e hetero bem pode representar o lugar inevitável da desnaturalização e mobilização das categorias de gênero. A replicação de construtos heterossexuais em estruturas não heterossexuais salienta o *status* cabalmente construído do assim chamado heterossexual original. Assim, o gay é para o hetero não o que uma cópia é para o original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia. A repetição imitativa do 'original', discutida nas partes finais do capítulo 3 deste livro, revela que o original nada mais é do que uma paródia da *idéia* do natural e do original (Butler, 2003: 56-7).

Butler chama a atenção de que, ao dizer que o casal gay está inscrito dentro de um modelo heteronormativo, isso não pode significar que esse modelo heterossexual seja considerado um modelo original. Ele é também uma cópia, pois todos estão inscritos dentro de uma operação performativa, tanto heterossexuais quanto homossexuais.

Resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos homossexuais na sociedade:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade *queer*, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;

Resultado 3: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 4: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.

O tratamento que Aguinaldo Silva conferiu ao tema da homossexualidade em *Duas caras* foi proveitoso na medida em que trouxe para a sociedade temas que até então não tinham sido expostos em telenovelas e eram praticamente restritos à comunidade gay. A representação do homossexual em Bernardinho foi uma novidade no cenário da teledramaturgia brasileira – o gay assumido era apaixonado por uma mulher e se constituiu entre eles uma família atípica, com outro homem e uma filha.

Em novembro de 2007, o portal *globo.com* (ver Miguel Júnior, 2007) divulgou que Thiago Mendonça considerava o triângulo amoroso de *Duas Caras* muito ousado. “Aliás, a novela é toda ousada. Existem relações de toda natureza. Estou bastante orgulhoso do nosso país se mostrar tão cabeça aberta e aceitar o Bernardinho”, afirmou o ator na ocasião.

No entanto, no final das contas, Bernardinho mostrou o que sempre foi na telenovela, um gay com alguns trejeitos e comportamentos típicos de boa parcela da comunidade homossexual. Além disso, a forma como a trama foi concluída inscreveu Bernardinho claramente no Resultado 4 de nossa metodologia. Ou seja, o casal acabou inscrito dentro de um modelo heteronormativo, o que, parece, não era a intenção do novelista Aguinaldo Silva. Mas, apesar disso, ele construiu um tratamento humanístico e contribuiu para o combate aos preconceitos e a homofobia. Provavelmente, essa não seria uma conclusão facilmente aceita pelos teóricos *queer* mais “radicais”. A materialista Wittig, em seu manifesto lésbico contra o pensamento heterossexual que impera no mundo, diz que a restrição binária de gênero atende unicamente aos objetivos reprodutivos da heterossexualidade compulsória. Wittig apresenta a lésbica como um “terceiro gênero” capaz de subverter todas as categorias, normas, noções e, é claro, a

heterossexualidade compulsória. Ela diz, inclusive, que as lésbicas não são mulheres (Wittig, 2006: 57).

Em nossa pesquisa, consideramos humanizado o/a personagem que não é abjeto. Segundo Butler, abjeto “não se restringe de modo algum a sexo e a heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’ (Prins e Meijer, 2002: 161). Em outro texto, Butler explica que os seres abjetos não parecem apropriadamente generificados e “é sua própria humanidade que se torna questionada” (Butler, 2001: p. 161).

Butler resiste a dar exemplos de corpos abjetos, com o argumento de que a definição de abjeto pode se esgotar nos exemplos que oferece, mas cita como a imprensa alemã trata os turcos que são mortos ou mutilados e indica uma importante pista para a nossa pesquisa. Ela diz que a imprensa alemã, quando fala dos turcos, nenhum deles têm uma história familiar ou psicológica complexa. O mesmo não ocorreria com os alemães que cometem crimes. “Assim, recebemos uma produção diferenciada, ou uma materialização diferenciada, do humano. E também recebemos, acho eu, uma *produção* do abjeto” (Prins e Meijer, 2002: 162). Portanto, consideraremos que uma representação é humanizada quando a personagem possui uma história familiar e/ou psicológica complexa e que ela não seja, por exemplo, apenas um fantoche provocador de risos perversos.

Ainda que não tenha radicalizado o rompimento das fronteiras de gênero, devemos reconhecer que, de todas as telenovelas exibidas até hoje (2008) pela Rede Globo, *Dois caras* foi uma das mais audaciosas ao formar, por um determinado período, um casal composto por dois homens (que manifestavam afetividade mútua) e uma mulher, com a qual o gay teve uma relação sexual. Aguinaldo Silva talvez tenha sido o primeiro a apresentar um casal com estas características em cena. Além disso, apresentou uma espécie de homoafetividade (ver Lopes, 2002), uma paixão entre pessoas do mesmo sexo que não transam.

Nenhuma cena apresentou ou fez menção a uma relação sexual em conjunto entre Bernardinho, Dália e Heraldo. Mas o fato de eles dormirem na mesma cama criou uma inquietação na sociedade. Quase ninguém conseguia pensar a situação sem se reportar ao *ménage à trois*, o sexo a três.

O autor se mostrou empenhado em abrir uma discussão na sociedade e levou para uma cena da novela um conhecido homossexual assumido, o jornalista Jean Wyllys. No restaurante Castelo de São Jorge, Jean entrevistou Bernardinho, Dália e Heraldo, na tentativa de entender a vida que os três levavam juntos. Durante o papo, Jean comentou sobre a mobilidade das identidades sexuais dos indivíduos e afirmou que “em algum momento da vida, elas podem se deslocar ou se dilatar, seja por amor ou por outras circunstâncias”. Esse discurso não é comum nas telenovelas brasileiras.

Na cena em que os familiares descobriram a orientação sexual de Bernardinho, a homossexualidade apresentada com seriedade, mas também com um viés cômico. Os familiares, quando se referiram a Bernardinho, desmunhecavam, afinavam as vozes ou usavam trejeitos em seus comportamentos. Até mesmo o pai preocupado se comportou dessa forma. Essa pareceu ser uma estratégia para roubar risos do telespectador.

Aguinaldo Silva tratou sobre a aceitação da homossexualidade na família. Em um dos diálogos, por exemplo, Bernardo disse ao filho que não se importava com a sexualidade dele e preferia que ele continuasse em casa. No entanto, as chacotas do próprio pai e das demais personagens acabaram banalizando o tema que, de início, parecia tão sério.

Outras cenas de Bernardinho, Carlão, Dália e Heraldo pareceram ter um caráter cômico. Pode ter sido uma opção de o autor suavizar as questões debatidas, mas, dessa forma, ele acabou banalizando as situações apresentadas.

Em uma das passagens, por exemplo, Carlão estava acidentado na cama de um hospital. Ele tinha fraturas em diversas partes do corpo. Bernardinho estava fazendo uma visita e, conversando com Carlão, acusa-o de trapaceiro e malandro. Ao mesmo tempo em que se mostrava preocupado com o machão, Bernardinho mudava de humor rapidamente e apertava as regiões que estavam fraturadas e engessadas. O enfermo urrou de dor e chamou a atenção da enfermeira. Quando ela entrou no quarto, Bernardinho fingiu não ter feito nada e saiu correndo.

Os atos foram acompanhados por uma vinheta, uma espécie de samba, que, pelo tom, dava à cena um caráter cômico. Essa música era tocada em quase todas as cenas nas quais Bernardinho aparecia. Quando ela começava, é como se um narrador imaginário da novela dissesse ao telespectador: “Lá vem coisa engraçada aí”.

O fim da trama do cozinheiro gay movimentou ainda mais o povo brasileiro. Nos

últimos capítulos de *Duas caras*, a imprensa tratou sobre a polêmica em torno da gravação ou não da cena de um beijo entre Bernardinho e Carlão. Segundo *Folha Online* (2008), o autor da novela chorou quando ficou sabendo que a *Rede Globo* não permitiu que a cena do beijo gay fosse exibida. Ainda segundo *Folha Online* (ver Prado e Monetti, 2008), a Frente Parlamentar Mista pela Cidadania LGBT declarou apoio oficial para que o beijo fosse ao ar. Não foi a primeira vez que a Rede Globo vetou a exibição de um beijo entre dois homens. Em 2005, *América*, de Glória Perez, Júnior (Bruno Gagliasso) e Zeca (Erom Cordeiro) se apaixonaram. No final da trama, Júnior revelou sua homossexualidade para a mãe Neuta (Eliane Giardini) e o esperado beijo entre o casal, que chegou a ser gravado e divulgado na imprensa pelos próprios atores, não foi exibido. Ainda que um beijo não vá resolver os nossos problemas, não deixará de ser um marco o dia em que isso acontecer nas telenovelas da Globo. Talvez na próxima ele seja exibido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith (2003). *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade* (trad. Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____ (2001). **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (trad. Tomaz Tadeu da Silva). Belo Horizonte: Autêntica, p.151-172

COLLING, Leandro (2008). **Aquenda a metodologia! uma proposta a partir da análise de Avental todo sujo de ovo**. *Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades*, volume 2, número 2, Natal: EDUFRN, p. 153-170.

_____ (2007). **Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados**. *Revista Gênero*, volume 8, número 1, Niterói: EDUFF, segundo semestre, p. 207 a 222.

ESTADO, Agência. Aguinaldo Silva está indignado com a Record. *Bemparana*, 19/03/08, disponível em: <http://www.bemparana.com.br/index.php?n=61927&t=aguinaldo-silva-esta-indignado-com-a-record> - capturado em 31 de julho

de 2008.

FOLHA ON LINE. Aguinaldo Silva chorou quando soube da proibição do beijo gay. *Folha online*, 30/05/2008, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u407035.shtml> - capturado em 24 de julho de 2008.

G ONLINE. Em próxima novela Aguinaldo Silva quer mostrar como o poder do dinheiro "derruba" o preconceito. *G on line*, 22.06.07, disponível em: http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/gnews/gnews_noticia_19609.htm - capturado em 03 de agosto de 2008.

LEITÃO, Gustavo. Figurino de Bernardinho, de 'Duas caras', une brilhos e camisetas de santos. *O Globo on line*, 23/03/2008, disponível em: http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2008/03/20/figurino_de_bernardinho_de_duas_caras_une_brilhos_camisetas_de_santos-426398487.asp - capturado em 25 de julho de 2008.

LOPES, Denílson (2002). *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

MORENO, Antonio (2001). *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Niterói: EdUFF.

O DIA, Agência. Duas Caras promete polêmica com triângulo inédito entre um gay. *Terra gente & tv*, 27 de novembro de 2007, Disponível em: <http://exclusivo.terra.com.br/interna/0,,OI2104581-EI9058,00.html> – capturado em 25 de julho de 2008.

PERET, Luiz Eduardo Neves (2005). *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PRADO, Miguel Arcanjo e MONETTI, Tino. Frente parlamentar declara apoio a beijo gay em "Duas Caras". *Folha online*, 29/05/2008, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u406726.shtml>, capturado em 24 de julho de 2008.

PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera (2002). **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler**. In: *Revista Estudos Feministas*. Volume 10, número 1, Florianópolis, janeiro.

TADEU DA SILVA, Tomaz (2007). **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, p 73 a 102.

WITTIG, Monique (2006). *El pensamiento heterosexual y otros ensayos* (trad. Javier Saez e Paco Vidarte). Barcelona: Egales.

WOODWARD, Kathryn (2007). **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, p. 7 a 72

Leandro Colling é professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) Professor Milton Santos e do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, ambos da UFBA. Pesquisador associado ao CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), onde coordena o grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS). Doutor em Comunicação pela Facom/UFBA. colling@oi.com.br

Caio Barbosa é graduando em Comunicação pela UFRB, pesquisador do Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder e Cultura da UFRB e bolsista PIBIC/UFRB. caiobc@globo.com